O Livro de Elysa: Fragmentos

João de Lemos

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O Livro de Elysa: Fragmentos

João de Lemos

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

JOÃO DE LEMOS

O

LIVRO DE ELYSA

Fragmentos

* * * * *

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1869

ADVERTENCIA

O Illmo e Exmo Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco dignou-se conceder-me licença para publicar este escripto, já impresso na _Revista Academica_, jornal litterario e scientifico publicado nesta cidade em 1848.

Coimbra, 24 de Agosto de 1869.

J. Mesquita.

O LIVRO DE ELYSA

FRAGMENTOS

I

Elysa!--Vou escrever um livro, mas um livro só para ti.

Ha de ser a traducção do pensamento revoando caprichoso por todo esse universo; ha de ser o monumento de uma longa saudade ingenhosa a não desperdiçar uma hora de remanso, a não sorrir nem suspirar senão comtigo; ha de ser um jornal do coração, de que tu serás o unico assignante, o unico leitor, e mais ainda o unico entendedor; ha de ser o desapertar incerto de ramalhetinhos da minha musa melancolicamente suave ou desesperada, ha de ser, emfim, o exercicio de uma devoção sublime do amor, será talvez o de um sacerdocio mysterioso, será de certo o de um martyrio de ausencia pungente.

Anjo!--este livro deve ser muito amado por ti.

Quero-o á cabeceira do teu leito, no teu toucador, na mesa do almoço, no cestinho da tua costura, nos teus passeios, no theatro, no baile, na côrte, na provincia, nos risos, nas lagrimas, na esperança, no desconsôlo, na vida, na morte. Em qualquer parte, em qualquer circumstancia que te encontres, abre-o; abre-o com a crença supersticiosa do amor e da ternura, que nelle beberás uma superstição amorosa e terna, para alegrar-se e para gemer comtigo.

Anjo!--este livro deve ser muito amado por ti.

Mas olha que este amor tão pedido para elle não consiste na presença inutil e preguiçosa, ou no habito indifferente e quasi que importuno,

não: quero-o sempre ao teu lado, quero-o ainda mais, muito mais, ia dizendo unicamente no teu coração.

Elysa! é com este nome que me apraz escrever-te, porque uma imprudencia, um acaso natural da minha vida de mancebo podia revelar com o manuscripto a palavra sacramental do meu segredo:--o véo, que é demasiado diaphano aos meus olhos, será impenetravel aos de estranhos, e para ti é uma prova do meu egoismo ou soffreguidão, que te agradará.

O rei formosissimo de todos os astros nem se offende nem fica menos bello, porque a sombra ligeira de uma nuvem lhe passou pela frente.

* * * * *

Mulher-typo! divindade talvez, ou sonho, ou illusão, ou feitiço, ou sombra, realidade, ou nada--eu te amo! E sabes tu como é este amor? escuta:

Já viste duas pombas a devorar o espaço com as brancas azas de seda, correndo, voando, internando-se por esse azul da cupula immensa, ou pousando á beira d'um lago de saphiras, ditosas na sua loucura, loucas na sua innocencia, innocentes nos seus carinhos?--é o amor da pomba; é o meu amor.

Já viste ao pé dos corregos do inverno duas plantas indolentemente enroscadas, teimosas, viçosas, purissimas, cheias de gozo sem futuro, cheias de futuro no gozo?--é o amor da planta; é o meu amor.

Já viste como a rosa, voluptuosamente desabrochada no tugurio verde da sua roseira, é, ao despontar da aurora, tão festejada, tão conversada, tão abraçada, tão beijada e tão adorada pela briza?--é o amor da briza; é o meu amor.

Já viste uma criancinha, que se anda embriagando de folguedos no amanhecer da existencia, e que logo os foge, que os engeita desdenhosa, porque a mãe lhe choveu entre elles, e que desfeita em sympathia risonha, em meiguice, em requebros lhe entreabre os braços e lhe pula ao collo?--é o amor da criancinha; é o meu amor.

Já viste essa mãe carinhosa errar anhelante, desalinhada, com os pés e os braços nus, o cabello desatado, os olhos em lagrimas, o peito a ondular-lhe, os labios roxos e convulsos, a voz embaciada de suspiros, toda ella uma louca, ou antes um mysterio, toda ella resumida num sentimento indizivel, sublime, divino, a calcar abrolhos, a transpor abysmos, a galgar têsos, a olhar, a escutar, a inquirir homens e pedras, a consultar pégadas, a ferir o rosto com uma das mãos, a esmagar os seios com a outra, e tudo em busca do filhinho, que se lhe perdera?--é o amor da mãe carinhosa; é o meu amor.

Já viste o proscripto da patria, assentado tristemente nos pincaros de serra estrangeira, comparando cada pedaço de terra, cada arvore, cada penedo, cada passaro que lhe descanta, cada choupana, cada homem, cada povo, e os ares, e o horisonte, e as nuvens, e as estrellas, e o sol, e o céo; bradar depois pela patria, só pela patria?--é o amor do proscripto; é o meu amor.

Já viste o marinheiro, nascido e criado nas aguas, identificar-se com ellas, namorar-se do seu navio, brincal-o, enfeital-o, acaricial-o sempre, beijar-lhe os cabos e velame, os mastros e o leme, contente vagar pelo estendal das vagas, sorrir ás procellas, sorrir ás bonanças, anhelar do longe uma ilha toda verde, que lhe está acenando na alma, um porto fagueiro, que lhe está alvejando no pensamento, uma

estrella da noite, que lhe está radiando no coração; e atirar-se assim de encantado por esse mundo sem raias, a espriguiçar-se nas sensações, a sorver delirios e melancolias suavissimas, ainda que rudes e profundas; ora cavando o pelago com olhos severos, ora analisando o concavo d'um tecto infinito com olhos meditadores; e naquella soidão de que é monarcha, com as suas endeixas e com o seu alaúde, apinhoando lá dentro d'alma cada vez mais desprezos da terra, mais orgulho e fanatismo pelas suas campinas de crystal?--é o amor do marinheiro; é o meu amor.

Já viste o captivo encostado ao marco de pedra, quasi tão quedo como elle, com a fronte enrugada e em cada ruga um concentramento de paixão, com a vista cravada no ferro, que lhe aperta e ennodoa a perna, uma vista tão cravada, tão pegada, que a disseras um martello alli fundido por não poder despedaçar aquelle annel; e uma lagrima a resaltar-lhe das faces ao ferro, como se fôra o liquido que havia de dissolvel-o, e a mão estendida e tesa, e depois um sorriso, um sorriso para a liberdade, para aquelle coração outra vez a bater sem abafamentos, para aquelles olhos outra vez erguidos, para aquelles braços outra vez seus, para aquelles pés outra vez libertos, para aquelle ar que respirava, para aquella casa, aquelles amigos, aquella vida, aquelle mundo, que lá lhe ficou?--é o amor do captivo; é o meu amor.

E já viste, finalmente, o condemnado a quem o vento do sepulchro sacode sobre a escada do cadafalso, que pende para a morte como a hastea que se murcha, e que d'alli, de sobre esse triangulo erguido para vergonha da humanidade, escarneo de Deos, e epigramma da civilização, d'alli arremessa uma vista infinita, insondavel, incomprehensivel para a turba, que brutalmente o festeja, mas para a

turba, que elle nunca mais ha de ver: para o mar, que lhe rebrame ao pé como se cantara uma nenia execravel, mas para o mar, que elle nunca mais ha de ver; para os céos, que recamados de sombras como que lhe toldam a esperança desapiedados, mas para os céos, que elle nunca mais ha de ver; para a terra, que lhe floreja ao longe alegre e formosa como se o quizera insultar no ultimo transe, mas para a terra, que elle nunca mais ha de ver; para as memorias d'um passado talvez prenhe de sangue e de remorsos, mas um passado, que elle nunca mais ha de ver; e essa vista resumida, em fim, a luctar entre a mortalha e o vestido, entre o carcere e a corda, entre a corda e a tumba, entre a morte e a vida, alli lhe foge toda para a vida; para a vida, que lhe matam, para a vida tão querida, tão linda e tão doce olhada do cadafalso, para a vida suspirada, gemida, e anciosamente chorada d'aquella altura tremenda, para a vida porque é sua, para a vida porque é boa, para a vida ainda que fora má?--é o amor do condemnado; é o meu amor.

E como o amor da pomba é innocente a amar a pomba, como o amor da planta é viçoso a amar a planta, como o amor da briza é mimoso a amar a rosa, como o amor da criancinha é risonho e meigo a amar a mãe, como o amor da mãe é desalinhado e louco a amar o filho, como o amor do proscripto é gemedor a amar a patria, como o amor do marinheiro é profundo, melancolico e dosprezador a amar os mares, como o amor do captivo é meditado e desejoso a amar a liberdade, como o amor do condemnado é vehementemente desesperado e terrivel a amar a vida, é assim o amor do poeta a uma mulher;--é o meu amor.

E tu és a minha pomba, a minha planta e a minha rosa, a minha mãe e o meu filho, a minha patria e os meus mares, a minha liberdade e a

minha vida!--Mulher! eu te amo, eu te amo!

Agora, Elysa, que já te paguei as primicias do livro, não só como senhora d'elle, mas como senhora da alma que o dicta e da mão que o escreve; agora que já te defini o meu amor, que mil vezes ainda será aqui definido, e que nunca o virá a ser ao cabo; agora que tu chegaste, de certo, á janella do teu quarto, e te embeveceste nos encantos da noite a recordar-te dos meus versos, deixa que me volte para a minha lyra.

São os meus segundos amores: é ella tão minha e tão formosa como tu; é a minha companheira e consoladora; é quem me ha de ajudar neste trabalho, que te destino:--plantou-m'a Deos dentro da alma para saber amar-te, como te plantou a ti no mundo para que te amasse.

Quero muito á minha lyra.

O meu primeiro pensamento ao acordar é sempre teu, o segundo é sempre d'ella; nas minhas meditações e nos meus sonhos, nos meus risos e nas minhas lagrimas, vindes sempre ambas tão casadas, tão unidas, tão irmãs, que eu não sei se és tu que me trazes a lyra, se é a lyra que me conduz a ti.

Quero muito á minha lyra.

Vou conversar com ella, e preludiar-lhe ao acaso uns sons desleixados, que lhe são queridos, um vagar delicioso por veigas da phantasia, um esquecer a delirar por saudosa noite, á margem do Mondego, sob a rama de um salgueiro.

E que mimoso luar de primavera ahi se refrange, e espalha uma poeira de prata na superficie das aguas!

É por uma d'estas noites suavissimas de luar que a natureza tem toda a lindeza de mulher.

Canta, vento do sul, teus doces cantos
Por concavos do val adormecido,
Tange n'harpa de Deos, nessas folhagens,
Da noite as harmonias.
Farta agora, Mondego, com teus beijos
As boninas, que tremulas desmaiam,
Que se morrem por ti na sêde louca
De lubricos prazeres.
Banha-me a accesa fronte, meu salgueiro,
De meiga fresquidão, que ha de inspirar-me
Desassombros do sol, da luz, do dia,
Que se afogou nos mares.
E tu, filha d'amor, candida lyra,
Um abraço dos teus cinge ao teu bardo,
Outro mais.... este só... agora folga,
Folga por céos e terra.

Amo o tibio clarão do argenteo disco,
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa
Nesse lago d'anil, que vai sulcando,
Namorar-lhe a belleza;
Amo a languida côr do ingente espelho,
Onde os olhos d'amantes vão casar-se;
Onde crêra talvez Grego ingenhoso
Que o velho Jove, requintando as galas,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com